



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Curso de Graduação em Geografia a distância

ROSANA DE FREITAS

**A UTILIZAÇÃO DO FILME COMO RECURSO
METODOLÓGICO PARA O ESTUDO DO FENÔMENO DA
MIGRAÇÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Posse - GO

2012

ROSANA DE FREITAS

**A UTILIZAÇÃO DO FILME COMO RECURSO
METODOLÓGICO PARA O ESTUDO DO FENÔMENO DA
MIGRAÇÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Professor Orientadora: Msc. Marizângela Aparecida de Bortolo Pinto

Posse - GO

2012

Freitas, Rosana de

A utilização de filmes como recurso metodológico no estudo das migrações
nas aulas de Geografia

57 f. : il.

Monografia (Licenciatura) – Universidade de Brasília, Departamento de
Geografia - EaD, 2012.

Orientador: Prof. Msc. Marizângela Aparecida de Bortolo Pinto

ROSANA DE FREITAS

**A UTILIZAÇÃO DO FILME COMO RECURSO
METODOLÓGICO NO ESTUDO DO FENÔMENO DA
MIGRAÇÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho
de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de
Brasília do aluno

ROSANA DE FREITAS

Msc. Marizângela Aparecida de Bortolo Pinto

Professor-Orientador

Titulação, Nome completo,

Professor-Examinador

Titulação, nome completo

Professor-Examinador

Posse, de de 2012

A meu pai José Alceu, a meu esposo Sílvio e a
minha filha Isabela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado a graça de perseverar quando muitas vezes julguei que não ia ser capaz de alcançar a vitória.

A minha filha, que me serve de inspiração na busca pela excelência como pessoa e como profissional.

À professora Marizângela que acreditou em meu potencial e me encorajou nessa fascinante busca pelo conhecimento.

Aos meus alunos que serviram de inspiração, e que foram um elemento primordial para a realização deste trabalho.

À professora Fátima Inácio (tutora presencial) pelo apoio e estímulo.

Aos meus amigos e colegas que estiveram a meu lado durante esta jornada.

À toda minha família e ao meu esposo pela compreensão nos momentos de ausência.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho traz uma proposta de recurso metodológico a partir da utilização do filme para o estudo do fenômeno das migrações. A metodologia consistiu no desenvolvimento de duas aulas, uma com a metodologia tradicional e outra com a utilização do filme, sendo em seguida aplicados exercícios a fim de levantar os conhecimentos absorvidos pelos estudantes. Posteriormente, as respostas foram comparadas para que se identificasse a evolução dos alunos em relação à metodologia utilizada, como forma de comprovar os benéficos da utilização do filme nas aulas de Geografia. A pesquisa teve como elemento provocador a necessidade de buscar mecanismos capazes de aproximar o aluno do conteúdo, viabilizando que os mesmos apreendam mais significativamente o seu objeto de estudo. Outro ponto a ser considerado se refere à pouca eficiência das práticas tradicionais, o que muitas vezes resulta em uma prática pedagógica pouco eficiente. Após a conclusão da pesquisa confirmou-se que, o filme representa um instrumento significativo de aprendizagem, uma vez que os alunos apresentaram uma efetiva evolução em relação aos saberes adquiridos com a metodologia tradicional.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Filme, Movimento Migratório.

ABSTRACT

This paper presents a proposal for a methodological resource from the use of film to study the phenomenon of migration. This feature was chosen as a way to encourage the student to talk to addressed. The methodology consisted in the development of two classes, a according to the traditional method and another using the Flime, and then applied exercises to raise the knowledge absorbed by students. Later responses were compared to identify himself the progress of students in relation to the methodology used, as a way to demonstrate the benefits of using film in Geography lessons. The research was provocative element the need to seek mechanisms to bring the student's content, enabling them to seize more significantly its object of study. Another point to be considered refers to the low efficiency of traditional practices, which often results in a pedagogical practice means little. Upon completion of the search it was confirmed that the film is a significant tool for learning, once students demonstrated effective improvement compared to the knowledge gained from traditional methodology.

Keywords: Teaching Geography, Film, migratory movement..

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Resultado com o método tradicional	43
Gráfico 2 – Resultado após a exibição do filme	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 – Objetivo Geral	17
1.2 – Objetivo Específico	17
1.3 – Hipóteses.....	17
1.4 – Justificativa	17
1.5 – Problemática	19
2 . METODOLOGIA	20
2.1 – Descrição geral da pesquisa	20
2.2 – Participantes do estudo.....	20
2.3 – Procedimentos de coletas e análise de dados	21
3. O ENSINO DE GEOGRAFIA: DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS ÀS NOVAS TENDENCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM	22
3.1 – A Geografia no Brasil: origem e desdobramentos	22
3.2 – Novas linguagens no Ensino de Geografia	26
3.3 – A aprendizagem da Geografia: uma proposta de análise e reflexão	29
3.4 – O uso de filmes no ensino de Geografia	31
4. O ESTUDO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO INSTRUMENTO FORMATIVO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA: O ESTUDO DAS MIGRAÇÕES.....	36
4.1 – O espaço geográfico: um conceito chave.....	36
4.2 – Movimentos Migratórios e o dinamismo do espaço geográfico brasileiro	38
5 . RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56

1. INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo tem-se formatado por meio de uma grande diversidade de recursos informacionais. Satélites transmitem, parabólicas e TV's captam e distribuem informações, redes eletrônicas viabilizam e integralizam notícias e saberes numa abordagem que maximizam elementos pertinentes a nossa sociedade.

O indivíduo contemporâneo precisa buscar novas experiências no que se refere à integração, produção e transformação do tempo e espaço, o que abre demanda para abordagens diferenciadas nas mais diversas esferas sociais. O processo de ensino aprendizagem apresenta a necessidade de inserção constante da ação crítico-reflexivo. Dessa forma, convergem-se no ambiente escolar, práticas dinâmicas e diversificadas que resultam em novos desafios pedagógicos, sobretudo, no que se refere à formação de saberes mais complexos.

A escola já não pode mais se furtar da adoção de elementos que se articulam com o amplo dinamismo das informações na sociedade contemporânea, informações essas que perpassam a sala de aula, mas que ao mesmo tempo só se transformam em conhecimento se o aluno tiver acesso a uma construção de saberes significativos.

Essas novas perspectivas em torno da educação se consolidam a medida que, procura-se atender às proposições contidas nos PCNs:

A nova sociedade decorrente da revolução tecnológica e de seus desdobramentos na produção e na área da informação, apresenta características possíveis de assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. Isto ocorre na medida em que o desenvolvimento das competências cognitivas e culturais exigidas para o pleno desenvolvimento humano passa a coincidir com o que se espera na esfera de produção (PCN 1999 p. 23).

Percebe-se que, tais modificações não têm como foco a preparação do indivíduo para atuar como força de trabalho no processo produtivo, como ocorria na chamada educação tecnicista, mas apresenta como principal objetivo a formação do sujeito autônomo, crítico e politizado, dotado de capacidade de interação com o meio.

O estudo do espaço geográfico requer uma adequação constante às peculiaridades vivenciadas no contexto social contemporâneo, mas para tanto são necessárias abordagens e metodologias inovadoras. É necessário que o estudo da Geografia em sala de aula possa colaborar para que o aluno tenha uma visão de mundo integradora, capaz de fazer deste um agente transformador.

A proposta de se trabalhar filmes nas aulas de Geografia no Ensino Médio surgiu da necessidade de aproximar os alunos de seu objeto de estudo, a partir de um instrumento mais objetivo. Busca-se um meio que ofereça aos mesmos vivenciarem e se envolverem em situações, observando configurações mais específicas do espaço, fenômenos naturais, processos políticos e sociais, entre outros. O uso de filmes é uma excelente opção frente à limitação do material didático tradicionalmente usado em sala de aula (livro didático e apostilas).

Esse trabalho apresenta uma proposta de trabalho em sala de aula por meio da utilização de filmes no ensino de Geografia. Pretende-se trabalhar com uma metodologia alternativa, que possa substituir os recursos metodológicos tradicionais e consequentemente vencer a resistência e as dificuldades dos alunos em relação à apreensão do conteúdo.

O primeiro capítulo apresenta toda a parte introdutória, constando objetivos, hipóteses, a problemática e a justificativa, elementos que embasarão todo o desenvolvimento do trabalho. No segundo capítulo é composto pela descrição da metodologia adotada, bem como a apresentação dos elementos envolvidos na pesquisa.

O terceiro capítulo traz um ensaio teórico acerca da aquisição das novas linguagens no ensino de Geografia, analisando o processo de evolução dos estudos geográficos enquanto disciplina escolar, partindo das práticas tradicionais às propostas de inovação, como a utilização de filmes no ensino de Geografia.

O quarto capítulo irá discutir o espaço geográfico enquanto objeto de estudo da Geografia, numa perspectiva da construção do conhecimento por meio da Geografia enquanto uma ciência dinâmica, mutável e composta de aspectos físicos, sociais e humanos. Apresenta também o fenômeno da

migração em seus aspectos sociais, culturais e estruturais, partindo de uma visão construída por meio do uso do filme como elemento de provocação.

Já o quinto capítulo apresentará a discussão dos resultados obtidos e as eventuais considerações acerca da utilização do filme enquanto recurso didático capaz de colaborar para a construção de uma aprendizagem significativa.

1.1. Objetivo geral:

Discutir a utilização do filme como metodologia de ensino de geografia para o estudo do fenômeno da migração no Ensino Médio.

1.2. Objetivo específico:

- Verificar a aprendizagem adquirida a partir do trabalho com filmes;
- Compreender a importância de adotar métodos diferenciados na prática docente do ensino de geografia;
- Apresentar vantagens e desvantagens do uso do filme como instrumento metodológico;
- Comprovar a importância do planejamento direcionado ao uso do filme.

1.3. Hipóteses

- A utilização do filme proporciona maior entendimento dos conteúdos estudados no ensino médio;
- O uso do filme facilita o diálogo entre o aluno e o conteúdo abordado;
- O filme serve como instrumento de provocação da aprendizagem em geografia.

1.4 Justificativa

A Geografia enquanto disciplina escolar proporciona ao aluno a perspectiva de conhecer o espaço geográfico em seus aspectos físicos,

sociais, culturais e econômicos. Por isso, ela deve ser discutida em sala de aula por meio de ações pedagógicas que aproximem o aluno de seu objeto de estudo.

Fazer uso de recursos diferenciados em sala de aula, que estejam presentes na rotina do aluno, torna-o parte integrante daquela aprendizagem, ao invés de colocar-se apenas como expectador do processo.

Com isso, pode-se perceber a importância de imbuir na dinâmica de ensino-aprendizagem as transformações constitutivas que permeiam a sociedade contemporânea. Para Dowbor (2001 p. 11) a educação não corresponde a uma área em si, mas um constante processo que liga a escola ao universo que a cerca. Para tanto, é necessário que a visão do professor inclua essas transformações. Desse modo, não se transforma apenas a técnica de ensino, mas acima de tudo se transforma a concepção de ensino.

A utilização de filmes como recurso pedagógico é muitas vezes vista com desconfiança pelos alunos, pais e até mesmo por educadores. Essa desconfiança decorre da má utilização desse recurso ou da falta de delimitação de objetivos, como resultado de uma abordagem ineficaz acerca do filme em relação ao conteúdo estudado.

Este trabalho traz uma proposta da utilização do filme como um recurso eficaz, viável e lúdico, que colabora inclusive com a inserção de recursos tecnológicos e midiáticos no processo de aprendizagem e a consequente inovação do ensino de Geografia.

Em relação a essa inserção percebe-se que muitas escolas são deficitárias quanto a existência de computadores com acesso à internet ou os têm mas seus professores não sentem-se seguros para utilizarem, preferindo não sair de sua zona de conforto permeada pelo giz, quadro negro e livro didático. O filme pode ser um recurso válido a medida que, exige um baixo investimento e pouco domínio sobre o uso da tecnologia.

Além da facilidade de uso pelo docente, acredita-se que o aluno também possa instituir uma relação de construção de conhecimento ao analisar o filme, sobretudo, no campo do conhecimento geográfico. Por meio de um filme o aluno tem a oportunidade de analisar as paisagens, identificar fatos e contextos históricos e geográficos, culturas e outros elementos que não fazem parte de seu espaço imediato.

Outro ponto que pode ser explorado por meio da utilização do filme, diz respeito à possibilidade de se instituir um trabalho interdisciplinar, haja vista que, este recurso quando trabalhado corretamente pode vir a desenvolver nos alunos as seguintes habilidades: decodificação de signos, elaboração e interpretação de textos, aprimoramento da capacidade narrativa e descritiva, interpretação de linguagens não verbais, além do contato com a linguagem artística e intelectual.

Percebe-se que, o filme possibilita a apropriação de um conhecimento geográfico mais crítico e atrativo, caracterizando o abandono de uma Geografia escolar passiva, imposta ao aluno por meio de métodos tradicionais e pouco colaborativos.

1.5 – Problemática

O filme pode ser utilizado como um recurso metodológico no ensino de geografia?

2. METODOLOGIA

2.1 Descrição geral da pesquisa

O presente trabalho foi realizado visando a análise da utilização do filme como recurso metodológico para o estudo do fenômeno migratório. O filme exibido foi *Caminhos das Nuvens*, do diretor Vicente Amorim, que trata da trajetória de uma família nordestina que se desloca para a cidade do Rio de Janeiro, em busca de melhorias na qualidade de vida. A opção por esse recurso metodológico teve como base o pensamento de Almeida (2001) que trabalha a importância do uso do filme no ensino. Segundo Almeida, a partir do uso de filmes insere-se no ambiente escolar algo que a própria escola se nega a ser, podendo transformá-la em um elemento vivido, o qual participa de forma ativa da cultura ao invés de instituir conhecimentos massificados, muitas vezes já defasados.

Com base na observação e discussão do filme foram trabalhados vários elementos constitutivos do fenômeno migratório, como o próprio conceito, elementos repulsivos e atrativos, e os fluxos migratórios.

2.2 Participantes do estudo

Esta pesquisa foi feita junto à turma do Segundo Ano do Ensino Médio, no colégio imaculado Coração de Maria, da rede particular da cidade de Posse-Goiás. A turma é composta por 36 alunos com idades entre quinze e dezoito anos. O perfil socioeconômico desses alunos corresponde a classe média e alta, composta por filhos de grandes agricultores e comerciantes da cidade. Vale destacar que, o acesso dos alunos aos equipamentos tecnológicos é uma realidade característica de toda a turma. Por pertencer a rede particular o referido colégio oferece diversos recursos tecnológicos, que vão desde DVD/TV, até à lousa interativa. Essa disponibilidade muitas vezes não é utilizada como um fator facilitador dos processos de aprendizagem, haja vista que há aí um grande potencial ainda a ser explorado por parte dos professores.

2.3 Procedimentos de coleta e análise de dado

Em um primeiro momento o conteúdo acerca de fluxos migratórios foi apresentado aos alunos através de uma metodologia bastante tradicional, em aula expositiva, com uso do quadro, giz e apostila. Em seguida, aplicou-se um exercício que visava fixar o conteúdo.

Posteriormente, em outra aula, exibiu-se o filme *O Caminhos das Nuvens*, cuja enredo retrata a viagem da família de Romão (Wagner Moura), um caminhoneiro que está desempregado. Sem conseguir emprego e tendo que sustentar sua mulher Rose (Cláudia Abreu) e seus cinco filhos, ele decide partir em busca de um local onde possa conseguir o sonhado emprego que lhe pagará o salário de R\$ 1000,00. Romão e sua família partem então numa jornada de 3200 km, saindo de Santa Rita, na Paraíba, até o Rio de Janeiro de bicicleta.

O filme foi exibido na íntegra, porém houve intervenções em sua exibição para que os alunos pudessem identificar recortes específicos e relacioná-los ao conteúdo.

Os exercícios foram reaplicados e posteriormente comparados aos primeiros. Essa prática teve como objetivo identificar indícios de que os alunos conseguiram avançar em seu conhecimento acerca daquele conteúdo, além de levantar quais outros aspectos foram relacionados ao conteúdo a partir da utilização do filme.

Capítulo 3 - O ensino de Geografia: das práticas tradicionais às novas tendências de ensino-aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem em Geografia tem atravessado importantes transformações, sobretudo no que se refere a ação didática e a forma como o conhecimento vem sendo construído. Segundo Castellar (1999 p. 52) durante muito tempo o professor tinha como papel transmitir o conhecimento, enquanto ao aluno caberia recebê-lo. Entretanto, observa-se que nos dias atuais ocorre uma importante transformação na relação professor/aluno e no conhecimento resultante deste processo de aprendizagem. Assim, este capítulo buscará apontar aspectos da geografia dita tradicional e os elementos norteadores de um novo ensino de geografia.

3.1 A Geografia no Brasil: origem e desdobramentos

A Geografia enquanto disciplina surgiu no Brasil por meio da fundação da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas- FFLCH e do Departamento de Geografia, no ano de 1934, com o primeiro curso na Universidade de São Paulo -USP. A partir deste período, a disciplina de Geografia passou a ser ensinada por professores licenciados, nesta disciplina, especificamente, com formação influenciada pela escola francesa de La Blache (PCN, 1998, 103),.

A partir daí, pode-se identificar a marcante influência da escola europeia na construção do ensino de Geografia no Brasil. Essa tendência resultou em um ensino de Geografia pautado no alcance de resultados quantitativos, sem muita preocupação com o desenvolvimento da análise crítica. Ainda segundo o Parâmetro Curricular Nacional de Geografia foi dessa abordagem que surgiu a chamada Geografia Tradicional, a qual embora valorize a atuação humana como elemento histórico, tinha como proposta a produção do espaço geográfico e do estudo da relação homem-natureza desvinculado das relações sociais.

A forma fragmentada como o ensino de Geografia estava sendo construído fez com que surgissem questionamentos acerca da função social do estudo geográfico. PONTUSCHKA *et al* 2009 afirma que:

Em meados da década de 50, a Geografia tradicional, ou melhor, as tendências tradicionais da Geografia, que buscavam compreender o espaço geográfico por meio das relações do homem com a natureza, passaram a ser questionadas em várias partes do Brasil. Os geógrafos foram à busca de novas teorizações e novos paradigmas. (PONTUSCHKA *et al* 2009, p. 45).

Ainda de acordo com os autores, foi criado de forma paralela a Associação de Geógrafos Brasileiros em 1934, órgão de fundamental importância para aqueles que se ocupam do ensino de Geografia. Seus fundadores tinham como objetivo integrar ações que propusessem um maior conhecimento do espaço geográfico brasileiro.

Até a fundação da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas-FFLCH /USP, o ensino de Geografia nas escolas ficava a cargo de professores com outras formações universitárias, ou ainda, que possuíam apenas formação nos chamados cursos normais, que habilitavam para o magistério no Ensino Básico.

Essa realidade resultou num trabalho pouco expressivo em sala de aula, favorecendo práticas que não colaboravam com a construção de conhecimento significativo. Buitoni (2010 p. 10) destaca que, a Geografia se ocupa apenas do estudo da orientação e localização geográfica, cujas atividades se davam por meio da produção de cópias de mapas no papel manteiga, vegetal ou similar, privilegiando a mentalização da localização dos fenômenos observados nos municípios brasileiros.

A autora destaca ainda que, na etapa inicial da escolaridade, os estudos em Geografia e Língua Portuguesa, denominada de “Língua Pátria” tinham a função de instituir um sentimento de identidade nacional. Assim, percebe-se que, o ensino da Geografia tinha como principal função a consolidação do território brasileiro enquanto elemento principal de estudo, no qual havia a valorização do relevo, clima, vegetação e hidrografia, sem abordar as questões humanas e sociais.

A deficiência nos conteúdos de Geografia em relação as discussões de aspectos humanos e sociais abriu espaço para a influência das teorias marxistas como forma de oposição à Geografia Tradicional, instituindo a

relação entre sociedade, trabalho e natureza na produção do espaço geográfico (PCN 1998 p. 104).

Por meio dessa nova abordagem, o ensino da Geografia ganhou uma conotação mais política, colaborando para a formação do sujeito cidadão. Essas transformações serviram de base para a pesquisa científica em Geografia a partir da década de 1970. Entretanto, a ação docente continuava atrelada a abordagem tradicional, inclusive, pelo uso de livros didáticos que seguiam uma linha mais tradicional, descritiva e descontextualizada da realidade social (PCN 1998 p. 105).

O cenário político vivenciado no Brasil no período compreendido entre 1964 até 1985 trouxe importantes transformações no ensino de Geografia, mas também foi capaz de interferir no processo de formação acadêmica desta disciplina na universidade. De acordo com PONTUSCHKA, *et al* (2009),

Mudanças no currículo e na grade curricular, como a criação de Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica, contribuíram para causar danos à formação de toda uma geração de estudantes. A legislação, imposta de forma autoritária tinha mesmo a intenção de transformar a Geografia e a História em disciplinas inexpressivas no interior do currículo e, ao mesmo tempo, fragmentar mais ainda os respectivos conhecimentos (PONTUSCHKA, *et al* 2009 p. 59 – 60).

Esse período representou uma importante retração no processo de ensino da Geografia, tendo um reflexo negativo no contexto acadêmico. Geógrafos brasileiros criticaram essas mudanças, sobretudo no que se refere a implantação dos Estudos Sociais integrando Geografia e História de forma acrítica e pouco analítica, engessando os conhecimentos produzidos.

No meio acadêmico essa mudança também teve aspectos negativos, de acordo com Pontuchka *et al* (2009 p. 65) a partir da criação dos Estudos Sociais, a política educacional estabelecida subordinou a estrutura do ensino universitário a uma tendência ambígua, por meio da qual a formação de professores passou a ter um papel secundário com relação à de pesquisadores. Muitas críticas surgiram devido a essa realidade e colaboraram para a posterior extinção dos Estudos Sociais, viabilizando um lento crescimento da produção geográfica e histórica no contexto acadêmico.

Na década de 1990 ocorreu uma nova transformação no que se refere ao ensino de Geografia a partir da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, voltados a todas as disciplinas, níveis e modalidade da educação básica. Essa perspectiva teve como base premissas e diretrizes para a aprendizagem proposta pela UNESCO –“aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver, aprender a ser”. Essa nova abordagem foi permeada pela realidade da sociedade tecnológica, princípios de autonomia, interdisciplinaridade e contextualização (BUITONI 2010 p. 15).

Essa nova realidade referente ao ensino de Geografia conduziu a uma profunda transformação teórico-metodológica que privilegiou um conhecimento geográfico mais voltado à reflexão e análise. Assim,

A elaboração do Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) foi um marco na reorientação do ensino da Geografia na escola. Neles oficializa-se uma geografia de fundamentação fenomenológica e ensinada a partir de teorias construtivistas. A geografia deveria estimular nos alunos a habilidade de perceber o espaço a partir de referências concretas.(CASSAB 2009 p. 7).

Pontuschka *et al* (2009 p. 75) indica que os PCNs de Geografia apresentam uma proposta de trabalho pedagógico, cujo objetivo é a ampliação das capacidades dos alunos em observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de paisagens e espaços geográficos distintos. A princípio, apresentam a trajetória da disciplina escolar, enquanto ciência e conteúdo escolar. Em seguida, destacam a importância de nortear o trabalho pedagógico a partir da definição de objetivos, eixos temáticos, conteúdos abordados e os critérios de avaliação definidos.

Percebe-se aí que é importante adotar práticas pedagógicas que se relacionem com os objetivos do conteúdo estudado, estimulando a discussão acerca dos fenômenos geográficos e buscando fazer com que os alunos se posicionem como indivíduos atuantes em seu contexto social. Para tanto, é necessário que o professor de Geografia assuma essa posição se comprometendo a auxiliar os alunos a interpretar o espaço geográfico e todas as suas complexidades.

3.2 – Novas linguagens no Ensino da Geografia

O acesso à informação na atualidade é amplo, infinito e indefinível, tais adjetivos se justificam pelas inúmeras informações disponíveis por meio do acesso aos recursos tecnológicos. Nesse contexto, a sociedade é formatada com base nos contínuos avanços tecnológicos e a consequente evolução na produção e processamento de informação.

Dowbor (2001 p. 35) destaca a necessidade de que haja uma aproximação de forma organizada do uso das novas tecnologias, seu potencial, perigos e dimensões, sejam elas econômicas, culturais, políticas e institucionais. O autor destaca ainda, a necessidade primordial de inteiração entre a sociedade atual e a funcionalidade dos recursos tecnológicos. Entretanto, é pertinente considerar a necessidade em elencar as informações de forma seletiva, pois para Dowbor (2001 p. 45), não é exatamente acessar um “pacote” fechado de conhecimentos, mas ser capaz de eleger aqueles necessários ao interesse de cada indivíduo.

As modificações observadas no contexto social contemporâneo demonstram a crescente urgência em inovar, seja por meio de pensamentos, de ações como sendo uma exigência primordial à inserção no tempo presente. Face a essa questão, se analisa o quanto o processo educativo necessita da adoção de novas configurações, como forma de desvincular-se da chamada educação tradicional.

Gadotti (2004 p. 4) pontua que, o processo educacional brasileiro em muitos momentos apresenta características da chamada “educação tradicional”, a qual tem suas raízes na sociedade de classes escravistas da Idade Antiga, quando a educação se destinava a uma pequena minoria. Essa prática tradicional, segundo o autor, foi interrompida a partir do surgimento da “educação nova”, proposta por Rousseau e que possibilitou importantes avanços no campo internacional.

Atualmente, vive-se uma das mais importantes etapas desse avanço, permeada entre outros aspectos pela utilização da tecnologia e ampla produção e processamento de informações.

Para atuar convenientemente nesse mundo pós-moderno, dotado de complexidade é necessário que o aluno possa adotar novas posturas e concepções, sendo que, tais posturas precisam ser construídas no ambiente escolar.

O processo educacional é apontado como elemento de preparação do indivíduo para a atuação significativa na sociedade, a respeito do papel da educação nesse processo Dowbor (2001) afirma que:

(...) a educação não é uma área em si, mas um processo permanente de construção de pontes entre o mundo da escola e o universo que nos cerca, a nossa visão tem que incluir essas transformações. Não é apenas a técnica de ensino que muda, incorporando uma nova tecnologia. É a própria concepção de ensino que tem de repensar os seus os seus caminhos. (DOWBOR, 2001 p. 11).

O ato de repensar o processo educacional proposto pelo autor, indica a urgência em adotar ações pedagógicas capazes de imbuir no aluno a capacidade de absorver os conhecimentos oportunizados em seu contexto atual. Porém, é pertinente analisar que, o acesso à informação não resulta em conhecimento de forma imediata, sendo necessário mediar essa informação para que o aluno construa seus saberes através dela.

Outro ponto importante a ser considerado diz respeito ao alcance e a disponibilidade das informações em função da ampla utilização dos recursos tecnológicos. Para Gadotti (2000) “[...] as novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos” (GADOTTI, 2000, p.7).

Essa realidade obriga a escola a adotar uma postura diferenciada, além de possibilitar ao professor a sua inclusão na chamada “era digital”. Portanto, existe a necessidade de mudar também as formas de ensino, a fim de se colaborar com a construção do sujeito contemporâneo ativo, crítico e colaborativo.

Considera-se ainda que, as tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano do aluno, devendo também inserir-se no cotidiano da escola, servindo inclusive como instrumento na construção do ensino aprendizagem. É

fácil analisar que as vias trilhadas pelos alunos atualmente diferem daquelas percorridas anteriormente. Os recursos tecnológicos surgem como um novo aparato instrumental, do qual o indivíduo se apropria e passa a desenvolver diferentes percursos no processo de aprendizagem.

Até o fim da década de 1990 as fontes de informação disponíveis tinham como principal origem o professor. O mundo contemporâneo apresenta novas configurações e exige também novas posturas por parte da escola, resultando em um sério processo de transformação. Essa nova exigência se faz presente também no que se refere ao ensino de Geografia, uma disciplina cujos objetivos permeiam a formação do cidadão e a preparação do mesmo para atuar significativamente na sociedade. De acordo com os PCNs de Geografia:

A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. (...) o estudo da Geografia proporciona aos alunos a possibilidade de compreenderem sua própria posição no conjunto de interações entre sociedade e natureza (PCN, 1998 p. 26).

A construção do conhecimento em Geografia deve estar pautada na prática pedagógica que privilegie a apresentação do conhecimento contínuo e ascendente. Callai (1998, p. 56) considera a Geografia como a ciência que estuda, analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem, que enquanto disciplina escolar ela oferece a possibilidade para que o aluno:

[...]se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens que estão inseridos num processo de desenvolvimento (CALLAI, 1998, p. 56).

Entretanto, quando se analisa a prática pedagógica no ensino de Geografia percebe-se que, há uma disparidade entre aquilo que é ensinado e o que é vivenciado por alunos e professores, sobretudo, no que se refere ao atual contexto social construído com bases na utilização dos mais diversos recursos tecnológicos. Assim, o ensino de geografia ainda desenvolvido destoa da concepção de inovação divulgada na atualidade.

O aluno hoje vivencia um grande acesso a recursos tecnológicos, através da televisão, jogos eletrônicos, computadores e até telefone

celular. Desse modo, a escola e o professor precisam se apropriar desses recursos como forma de otimizar a prática pedagógica (Cavalcanti, 2002, p. 84).

Na contramão dessa tendência, pode-se afirmar que, ainda há professores que resistem a adoção de recursos diferenciados, deixando de atuar de forma mais dinâmica e impedindo que o aluno possa construir um elo entre seu cotidiano e aquilo que lhe é apresentado em sala de aula. Essa realidade traz uma importante limitação a construção do conhecimento, uma vez que:

Hoje, cada vez mais, e com maior rapidez, recebemos em nossas casas um grande número de informações, que em grande parte, trata de que são objetivos da geografia, tais como: meio ambiente, economia, focos de tensão, população, entre outros. Além do mais, a mídia, sobretudo a televisão tem o poder de trazer para a sala de aula a representação de diferentes espaços mundiais. O professor tem, portanto, um vasto material que acaba sendo incorporado ao ensino de geografia (LEÃO, 2008 p. 16).

A questão primordial desse processo de ensino-aprendizagem corresponde ao fato de que, o professor deve estar apto a trabalhar o conteúdo por meio da utilização de recursos tecnológicos e midiáticos, uma vez que tais recursos estão cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos e devem também inserir-se no ambiente escolar. Essa mudança de paradigma é válida e necessária, assim como foram necessárias outras mudanças no processo de evolução do ensino de Geografia.

3.3 – A aprendizagem da Geografia: uma proposta de análise e reflexão

O ambiente escolar atualmente representa um dos espaços mais pertinentes à análise e discussão das configurações socioespaciais, servindo de base para reflexões sobre a atuação do homem na sociedade.

Brabante (2010 p. 15) afirma que, no período em que se vivencia a abertura da escola para o mundo contemporâneo, a geografia deveria ser vista como uma das disciplinas mais eficientes no despertar do interesse dos alunos.

Entretanto, de acordo com o autor, a geografia escolar acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, marcado pela abstração. Desse modo, é papel do professor de Geografia desenvolver um processo de ensino aprendizagem que privilegie o dinamismo necessário ao conhecimento geográfico.

O aluno necessita criar vínculos com os conteúdos estudados, sentir-se parte integrante de seu objeto de estudo. Perrenoud (2010) propõe algumas competências a serem desenvolvidas nos alunos. Para isso, o autor relaciona algumas propostas de trabalho, tais como:

Trabalhar a partir das representações dos alunos;
Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem;
Conceber e administrar situações-problema ajustadas aos níveis e às possibilidades dos alunos (...);
Favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno.
(PERRENOUD 2000, p. 15-16)

A Geografia escolar se ocupa do estudo das relações entre o processo histórico que permeia a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, através da leitura do espaço geográfico e da paisagem (PCN 1998, p. 109). Pode-se afirmar que, deve-se proporcionar ao aluno a discussão acerca dos conhecimentos em Geografia como pré-requisito para a atuação dinâmica em sociedade.

Assim, cabe ao professor fazer com que o aluno reflita o conteúdo estudado em sala de aula e se aproprie dele de forma definitiva, analisando o espaço geográfico por meio de suas considerações complexas. Para Cavalcanti (2010):

Essas características do espaço na contemporaneidade impõem, pois, aos teóricos da Geografia, a ampliação de suas análises, “transitando” entre a racionalidade e a irracionalidade, entre o objetivismo e o subjetivismo, entre o local e o global, entre a realidade natural e social (CAVALCANTI 2010, p. 17)

Entende-se que, o ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, fazendo com que esses interfiram de forma consciente e propositiva. Para que isso ocorra é necessário que os discentes se apropriem de conhecimentos, identifiquem as categorias e

conceitos básicos. Esse campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de forma a possibilitar a compreensão das relações socioculturais e o funcionamento da natureza.

3.4 – O Uso de filmes no ensino de Geografia

A utilização de recursos audiovisuais não é novidade no que se refere a sua integração como recursos metodológicos, nas últimas décadas esses recursos foram relacionados pelos professores nos mais diversos níveis de ensino.

Campos (2006, p. 1) afirma que os recursos audiovisuais compreendem diversos elementos como músicas, slides, fotos, poesia, literatura e filmes, cuja função se resume a mais um elemento de ilustração para a compreensão do conteúdo.

Rosselvelt Santos (2010) *et al* afirma que:

Ensinar geografia usando linguagens e recursos diversos como as mídias eletrônicas, é, sem dúvida, um processo complexo que exige da escola competências para mediar processos e pesquisas de forma que eles tenham importância didático-pedagógica para, além de informarem também possibilitarem a oportunidade de (dê)sconstruir e reconstruir o conhecimento (SANTOS *et AL* 2010, p. 43)

É essa (dê)s construção e reconstrução propostas pela autora que pode ser trabalhada através do uso de filmes no estudo dos conteúdos de Geografia. O trabalho realizado pela autora indica que o filme colabora para evitar que sejam construídos conhecimentos superficiais sobre fenômenos geográficos.

Percebe-se que, muitos desses elementos fazem parte do cotidiano do aluno, independente de sua condição cultural e econômica. Discute-se aqui as questões pertinentes a utilização do filme enquanto elemento facilitador do ensino de Geografia, o que para Almeida (2001):

[...] traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de

conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defazados [...] (ALMEIDA, 2001, p. 48).

O uso do filme em sala de aula pode ser considerado uma forma de diversificar as ações que visam instituir o uso da chamada Tecnologia da Informação, considerando que ela não se limita apenas ao uso de computador e internet.

O ensino de Geografia não destoa das demais disciplinas no que refere à necessidade de alicerçar o conhecimento sobre metodologias dinâmicas, capazes de promover a interação entre o aluno e o conteúdo. Segundo Callai (1998) o conhecimento geográfico faz com o aluno “se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados num processo de desenvolvimento” (CALLAI, 1998, p. 56).

Por meio do processo de desenvolvimento do homem, a educação se converte num grande desafio a medida que também precisa se desenvolver, e conseqüentemente, evoluir. A evolução compreende a adoção de métodos novos, recursos capazes de promover interação entre aluno e o conteúdo, para que seja alcançada uma construção de conhecimentos dialógica, pertinente aos parâmetros contemporâneos.

Santos *et al* (2010) afirma que, diante da evolução técnico-científica a educação precisa buscar outras formas de aplicar o conteúdo, sobretudo, porque é fundamental inserir-se num contexto social contemporâneo:

A utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e quadro-negro é hoje inevitável e necessária na educação, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico-científico informacional desde o ano de 1970 (SANTOS *et al* 2010, p. 44)

Percebe-se que, embora haja uma exaustiva discussão acerca da necessidade de se adotar métodos e recursos diferenciados, muitos professores ainda resistem à utilização de tais recursos, sobretudo, no que se refere ao uso de computadores e internet. Nessa perspectiva, o filme ocupa uma posição privilegiada pela facilidade em operar instrumentos de exibição (TV/DVD).

O uso do filme em uma proposta de valorização do conteúdo abordado demanda uma prática ao mesmo tempo ousada e bem elaborada, como destaca Eco (1997, p. 3) “[...] precisamos de uma nova forma de competência crítica, uma arte ainda desconhecida de seleção e decodificação da informação, em resumo, uma sabedoria nova” (ECO, 1997, p.3).

Campos (2006, p. 1) destaca que o filme “constitui uma fonte de cultura e informação”, mas enfatiza que esse elemento também se constitui como indústria, produto, o que lhe confere uma considerável falta de neutralidade, que deve ser considerada por meio de uma análise crítica acerca dos pontos de vista observados na formação do mesmo.

É necessário que o professor ao utilizar o filme como recurso de aprendizagem visualize as questões ideológicas e intervenha nas questões pertinentes ao tema estudado. Para tanto, a elaboração de um bom planejamento é imprescindível, por meio desse instrumento é possível aproveitar todas as possibilidades pedagógicas do uso dessa metodologia.

Machado (2004) compreende que o planejamento colabora de forma primordial para que haja sucesso na ação pedagógica adotada, sendo ainda indispensável fazê-lo previamente como forma de otimizar os resultados.

A recomendação de um planejamento prévio através do qual o educador tenha clareza quanto aos objetivos relativos à utilização do filme; se a produção será utilizada na íntegra ou apenas alguns trechos da mesma; (...) qual a relação entre o filme e os conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula; que elementos principais devem ser destacados antes, durante e depois da apresentação (...) (MACHADO 2004, p. 1).

Percebe-se a importância em efetivar um planejamento que possa atender aos objetivos elencados no processo de aprendizagem. Para Campos (2006, p. 3) o filme deve estar integrado ao conteúdo no qual se pretende trabalhar, isso estimula as interpretações por meio das referências como o conhecimento construído na escola e aquele construído em seu contexto social, fora do ambiente escolar.

Moran (1995, p. 29-30) enfatiza que o filme é um recurso válido, pois induz a uma aprendizagem significativa, tendo como ações metodológicas eficazes sua utilização, podendo ser utilizado como instrumento de

sensibilização, motivando a compreensão e discussão acerca de um novo tema abordado. Nesse caso o vídeo/DVD leva o aluno a sentir a necessidade de pesquisar sobre o conteúdo estudado.

O autor afirma ainda que o vídeo/DVD pode ser utilizado também como instrumento de ilustração, sendo muito significativo para retratar aquilo que foi trabalhado em sala de aula. No caso específico da Geografia, este recurso se torna de extrema relevância, pois pode servir para que os alunos vivenciem diferentes espaços e paisagens sem necessariamente se deslocarem da sala de aula.

Outra forma de utilização é a adoção do vídeo/DVD como conteúdo de ensino, o que segundo Moran (1995) permite que se façam diferentes interpretações acerca de um tema. O vídeo/DVD pode também servir de instrumento para despertar no aluno o censo crítico através de produções com as mais diversas temáticas, o que também é muito pertinente na Geografia escolar. O aluno poderá produzir um vídeo sobre fenômenos ambientais, urbanos, ou qualquer outro que seja pertinente a análise em Geografia.

Deve-se investir em uma ação mediadora, sendo preciso também se instituir uma ação pedagógica dinâmica, com leituras reflexivas, capazes de criar no aluno um elo entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando-o a se colocar como expectador exigente e crítico (NAPOLITANO 2011, p. 5). A utilização de recursos audiovisuais possibilita uma considerável liberdade, ao mesmo tempo em que promove a delimitação de uma ideia e o estímulo a consciência crítica, fortalecendo valores e reconhecendo a identidade de pessoas e de grupos humanos. Contudo, o uso de filmes em sala de aula exige que o professor esteja preparado para aproveitar todas as possibilidades, as informações explícitas e implícitas, despertando nos alunos a habilidade de identificar elementos diversificados como valores culturais, sociais e ideológicos pertinentes a sociedade ali retratada.

Percebe-se então, a importância do filme como elemento de provocação para o ensino e aprendizagem dos conteúdos de geografia. Como discute Araújo (2007, p. 1) ao afirmar que a utilização do filme em sala de aula promove uma relação indissociável, já que se refere a consideração das informações embutidas e sua utilização enquanto recurso audiovisual capaz de

ilustrar, motivar e provocar de forma crítica a construção do conhecimento no qual se quer efetivar.

CAPÍTULO 4 – O ESTUDO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO INSTRUMENTO FORMATIVO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA: O ESTUDO DAS MIGRAÇÕES

O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico e sua infinidade de elementos, sejam eles naturais, econômicos e culturais, o qual Santos (2006, p. 52) denomina de objetos espaciais. Tais objetos se encontram dispostos de maneira contínua pela superfície terrestre, sendo constantemente modificados na proporção que surgem os diversos recursos oriundos da nova configuração social contemporânea.

Filizola (2009, p. 67) afirma que esse sistema de objetos definido por Milton Santos se encontra repleto de práticas sociais, formando um sistema de ações. Os dois sistemas não podem ser colocados de forma isolada, ou seja, a interferência que um exerce sobre o outro deve ser considerada quando analisa-se a configuração do espaço geográfico. Assim, reconhecê-lo possibilita construção de percepções mais avançadas, permitindo que os alunos apreendam saberes que de fato serão significativos.

4.1 O Espaço Geográfico

Ao se apropriar dos recursos naturais a sua volta o homem passou a construir o espaço geográfico e a transformar o ambiente natural. Assim, ele constitui-se de um processo histórico, da organização social e econômica e dos recursos técnicos pertinentes aos povos que ocupam os diferentes lugares. A concepção de espaço geográfico no ambiente escolar é abordada por meio da análise de diversos fenômenos, naturais, sociais, econômicos e culturais. Entre esses fenômenos se destacam os movimentos migratórios.

Segundo os PCN de Geografia (1998, p. 109) o espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem através da organização econômica e social da sociedade humana. Segundo Santos (2006) ele corresponde a:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da

história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, de, pois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (SANTOS, 2006, p. 39).

Cada indivíduo desenvolve a percepção espacial, os laços afetivos e as referências socioculturais. Assim, a historicidade enfoca o homem como sujeito construtor do espaço geográfico, um homem social e cultural, que se situa para além de uma perspectiva econômica, marcando com seus valores o espaço social. Passini (2010, p. 11) afirma ser esta a “ciência voltada a análise social quanto à sua configuração espacial”, enfatizando que para compreender o espaço é necessário identificar as configurações humanas que o produzem, ainda que o homem não seja de forma isolada, o maior responsável pela formatação do espaço geográfico.

Conhecer os processos pelo qual o espaço geográfico foi se organizando através dos tempos é ter o entendimento necessário para a compreensão da complexidade observada no mundo contemporâneo. É importante considerar que o estudo da Geografia deve colaborar para que o aluno se consolide como agente atuante e o uso de filmes e outros recursos tecnológicos possibilitam para alcançar este objetivo. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia - Ensino Médio a formação do aluno deve objetivar a aquisição de conhecimentos básicos, bem como a preparação científica, fazendo com que esse se torne capaz de utilizar os diversos recursos tecnológicos a favor da construção de sua aprendizagem.

Conhecer o espaço geográfico não é apenas observar e analisar aquilo que está em sua volta, é necessário fundamentar uma relação mais complexa entre os diferentes elementos que compõe o conhecimento geográfico. O PCN de Geografia (1998, p. 109) apresenta esta disciplina como aquela que se ocupa do estudo da relação entre os processos históricos, que regularizam a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza.

Ao utilizar o filme em sala de aula o professor pode aproximar o aluno de uma paisagem, ou de uma situação social, mesmo que esses elementos não estejam imbuídos no espaço imediato do aluno. Trata-se então de não estudar

a Geografia apenas por meio de livros, com abordagens alheias a realidade vivenciada no cotidiano dos educandos. Conhecer o espaço geográfico não é apenas observar e analisar aquilo que está em sua volta, é necessário fundamentar uma relação mais complexa entre os diferentes elementos que compõe o conhecimento geográfico.

Em seu processo histórico evolutivo, o homem conheceu diversas maneiras de organização social e por isso produziu espaços sobre diferentes vertentes. Com base nessa percepção compreende-se que o homem atuou sobre o espaço de forma contínua, a fim de atender a suas necessidades. Ao analisar a utilização de um novo recurso para o estudo das migrações, este capítulo busca entre outras coisas demonstrar a importância que esse fenômeno detém na configuração social, econômica e cultural dos países, sendo portanto, um elemento fundamental para a interpretação do espaço geográfico.

4.2 – Movimentos Migratórios e o dinamismo do espaço geográfico brasileiro

O movimento migratório compreende um fenômeno que resulta em transformações econômicas, sociais e culturais. Segundo Ferreira (2011, p. 594) “o ato de migrar corresponde a mudar de país ou de região”, mudança essa que se pode observar não apenas em relação ao sujeito que a realiza, mas sobretudo, no que se refere à configuração do espaço geográfico.

Como indicado por Ross (2005) a história evolutiva da humanidade demonstra que “desde a pré-história, os movimentos migratórios foram constantes, o que mostra a necessidade de compreender sua dinâmica a fim de identificar as modificações cristalizadas no espaço geográfico”. Damiani (2001, p. 61) afirma que “os estudos geográficos sobre migrações envolvem uma perspectiva histórica ampla e acompanham o fenômeno desde a Antiguidade até nossos dias”. Essa constatação reforça a ideia de que esse fenômeno colabora para o dinamismo do espaço geográfico. Por isso, é importante considerar os aspectos que serviram como fatores de repulsão e aqueles que funcionaram como elemento de atração.

Segundo Gonçalves (2001, p. 173) “as migrações tendem a se configurar como o lado visível de fenômenos invisíveis”. Para o autor, os grandes deslocamentos humanos são seguidos de profundas mudanças, tanto do ponto de vista econômico, político, social e cultural. Nesse sentido, Moreira *et al* (2005, p. 437) afirma que qualquer deslocamento populacional resulta em consequências que vão desde o aspecto demográfico ao aspecto cultural. Para o autor, essas consequências quando se referem ao aspecto cultural costumam resultar em elementos positivos, pois a partir delas é possível identificar trocas e enriquecimento dos diferentes valores de cada população. Porém, quanto ao aspecto demográfico resulta em questões mais complexas e nem sempre positivas. Assim, os atuais movimentos migratórios apresentam uma face perversa, já que resultam em conflitos entre pessoas que passaram a compartilhar o mesmo território nacional (MOREIRA, *et al* 2005, p. 438).

No Brasil os movimentos migratórios se confundem com a história da formação do território nacional. O processo de colonização brasileiro resultou de um movimento migratório que, segundo Martini *et al* (2010, p. 49) teve seu fluxo aumentado a partir da descoberta de um potencial econômico para a então mais nova colônia portuguesa.

Magnoli (2010, p. 139) destaca que o grande ciclo da imigração estrangeira foi impulsionado pela substituição do trabalho escravo na economia cafeeira, no fim do século XIX, perdurando até 1934 quando o então presidente Getúlio Vargas institui a Lei de Cotas¹ limitando a entrada de imigrantes estrangeiros.

A eclosão da 2ª Guerra Mundial foi seguida de uma nova onda de imigração, sobretudo, de judeus alemães e refugiados italianos que fugiam do nazismo e fascismo, respectivamente (Magnoli 2010, 139).

Com a diminuição do fluxo migratório internacional nos trinta primeiros anos do século XX o Brasil passa a vivenciar um intenso fluxo migratório interno, resultante da crise do café e do consequente êxodo rural. Moreira *et al* (2005, p. 451) destaca que, entre o início da década de 1950 e o último ano do século XX o Brasil se consolidou como um país predominantemente urbano, em função do crescente aumento do êxodo rural. Ainda segundo o autor, o campo se tornou um território de repulsão diante do processo de mecanização,

enquanto a cidade industrial passa a servir como polo de atração, mesmo não oferecendo condições para receber esse enorme contingente populacional.

Fausto (2006, p. 294) destaca como de grande importância os grandes deslocamentos populacionais internos, a partir da década de 1940. O significativo fluxo migratório de nordestinos para a região Centro-Sul foi impulsionado pela crescente industrialização centralizada nessa região e as dramáticas secas que atingiram o Nordeste, sobretudo nos anos de 1950.

Ainda segundo Fausto (2006) o deslocamento populacional rumo ao Centro-Oeste e Noroeste do país resultou no segundo grande fenômeno migratório do Brasil, superado apenas pela chegada de europeus e asiáticos após o fim da escravidão. O autor aponta como elementos de atração a construção de Brasília, que pode ser definida como um marco da chamada “marcha para oeste”.

Com processo de industrialização brasileiro estabelecido principalmente no eixo Rio – São Paulo a região passa a ocupar o lugar de pólo de atração de migração. Contudo, nas últimas décadas o processo de desconcentração industrial tem diminuído a migração em direção ao Sudeste. Para Lisboa (2008, p. 86) a partir da década de 1980 houve uma desconcentração industrial no estado de São Paulo, tal fato foi acompanhado pelo enfraquecimento econômico nas áreas metropolitanas, bem como a formação de novos polos econômicos em outras regiões.

Dentre os fatores que contribuíram para incentivar a desconcentração econômica e populacional nessa região estão: “[...] o aumento da poluição, da marginalidade, aumento dos custos da terra e do trabalho e do custo de vida das grandes cidades (LISBOA 2008, p. 86)

Percebe-se por meio da análise desse período que os fluxos migratórios sofrem mudanças consideráveis, sobretudo, quando se considera que essas modificações passam a ocorrer no sentido urbano-urbano em detrimento ao sentido rural-urbano.

Na década de 1990 são identificados novos fatores de atração, reconfigurando o processo migratório a partir desse período:

Englobando migrações em direção às regiões litorâneas dos estados, composta principalmente por indivíduos da terceira idade; as migrações para as cidades médias, devido

principalmente à intensificação dos investimentos por parte das empresas que fogem das deseconomias de aglomeração características dos grandes centros urbanos, mas também em função do aumento da vivência urbana nas grandes cidades; e as migrações de trabalhadores com alta qualificação que se deslocam em direção aos grandes centros urbanos em busca de empregos com elevada remuneração e de uma ambiente cosmopolita integrado ao consumo mundial (...) (MATOS 2005, p. 126)

Os fatores de atração elencados pelo autor são de fato determinantes para consolidar essa nova configuração, haja vista que a globalização econômica vivenciada a partir da década de 1990 propõe uma valorização significativa da mão de obra qualificada e uma movimentação constante dos fluxos de capital e trabalho. Para Santos (2009) isso significou:

[...] a multiplicação exponencial das taxas de fixidez de capital e, concomitantemente, a uma elevação bastante rápida de sua composição orgânica (...) para o capital – mercadoria, assim como para o capital – dinheiro ou o capital trabalho, nunca se viu uma necessidade tão presente de movimento (SANTOS, 2009, p. 22).

Os diferentes níveis sociais são percebidos com bastante nitidez na observação do espaço geográfico, ainda que esteja se vivenciando um crescente processo de integração. Santos (2006, p. 219) destaca que nas grandes cidades, especialmente, nos países periféricos, as necessidades de uma parcela considerável da população não exclui a produção de necessidades baseadas no consumo das classes mais favorecidas, fato que se reflete em uma divisão do trabalho que se reproduz continuamente. Tal análise traz uma série de implicações acerca da complexidade adquirida pelo espaço geográfico por meio dos movimentos migratórios e que reconfiguram o espaço, instituem novas relações e produzem diferentes modos de ocupação e atuação sobre o meio. A crise mundial observada a partir de 2008, nos Estados Unidos, e que atualmente vem atingindo países europeus, China e Japão, tem interferido na trajetória dos fluxos migratórios, como discorre Barroso (2012, p. 21) “No início deste século o Brasil entra novamente na rota de imigração, devido ao crescimento econômico, setor petroquímico em alta e a chegada de grandes empresas no país (...)”.

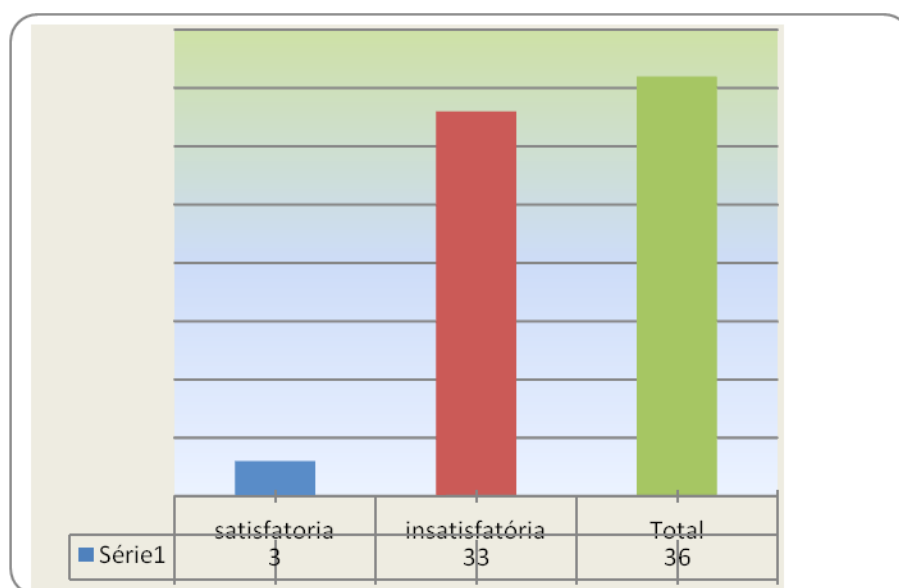
Nessa perspectiva, pode-se identificar que os fluxos migratórios são dinâmicos e se inter-relacionam com vários outros elementos, resultando na ampla transformação do espaço geográfico. A abordagem deste fenômeno em sala de aula deve buscar a identificação de elementos de repulsão e atração, bem como as transformações que os mesmos efetivam junto ao espaço geográfico.

CAPÍTULO V – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para confirmar as hipóteses deste trabalho foram orientadas atividades a partir da aula tradicional, sem o uso do filme e em seguida foram aplicados exercícios de fixação. Em outra aula, foi desenvolvido o conteúdo com o uso da metodologia proposta, objetivando aproximar os alunos do conteúdo. Concluída a exibição do filme foram realizadas atividades que serviram como base para a identificação de aspectos relevantes da aprendizagem a partir da utilização do filme enquanto recurso metodológico.

Ressalta-se que, antes da exibição do filme foi apresentada aos alunos uma introdução acerca do fenômeno migratório, como forma de identificar qual a dimensão do conhecimento acerca do conteúdo.

GRÁFICO 1: RESULTADOS MÉTODO TRADICIONAL



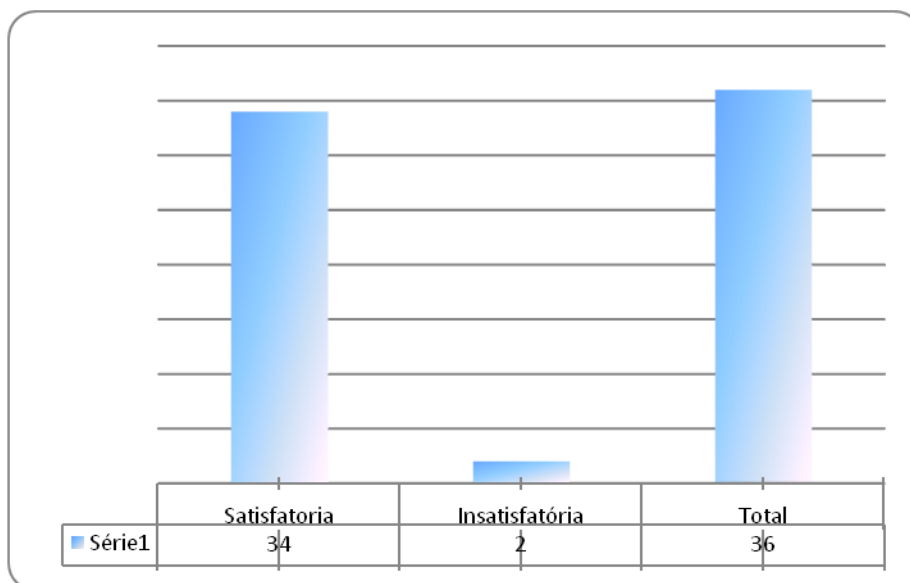
FREITAS (2012)

Percebeu-se que, os alunos possuíam uma ideia muito vaga sobre o fenômeno migratório e seus elementos constitutivos, pois da totalidade das respostas analisadas apenas 6% foram respostas satisfatórias, enquanto 94% não conseguiram argumentar de maneira conveniente, elaborando respostas incompletas, pouco fundamentadas ou totalmente aquém das respostas esperadas.

Após a exibição do filme o exercício foi reaplicado aos 36 alunos, e as mudanças no resultado foram bastante claras no que se refere ao aumento da

capacidade de argumentação e a formação de conceitos mais complexos sobre o tema trabalhado. Somente 02 alunos mantiveram as respostas num nível de “POUCO SATISFATÓRIAS”. Os demais apreenderam o conteúdo e apresentaram melhorias em relação a outras questões levantadas a partir da utilização deste recursos metodológico.

GRÁFICO 2: RESULTADOS APÓS A EXIBIÇÃO DO FILME



Org: FREITAS (2012)

Assim, quando perguntados acerca do conceito de migração, no primeiro momento da pesquisa os alunos definiam o fenômeno como movimento de pessoas, demonstrando uma visão bastante simplista, apesar de trazer uma ideia correta do movimento.

ALUNO 04– QUESTÃO 1

1- Qual o conceito de migração? ... e quando as pessoas vão de um lugar para outro

Após a exibição do filme a resposta passou a considerar espaços onde ocorrem esses fenômenos. Percebe-se que, os alunos compreenderam que em Geografia a migração está ligada a movimento estabelecido entre regiões, cidades e países.

ALUNO 04 - Questão 1 – COM O FILME

1- Qual o conceito de migração?
é o deslocamento de pessoas entre países, cidades e regiões

Já na questão 2 o enfoque dado ao modo como ocorre o fenômeno migratório é observado de forma bastante superficial, determinando a migração como elemento de imposição.

ALUNO 04 – QUESTÃO 2

2- Como eles ocorrem?
quando as pessoas são obrigadas a sair de um lugar para outro

Já o exercício respondido após a abordagem metodológica por meio do filme observou-se que, o aluno compreendeu a migração como não sendo uma “obrigação”, mas que surge como resultado da influência de fatores sociais e econômicos.

ALUNO 04 – QUESTÃO 2 – COM O FILME

2- Como eles ocorrem?
existem diferentes formas de migração, podendo ser voluntária, forçada ou controlada, mas em geral devemos observar os fatores de repulsão e atração

Na questão seguinte, o aluno associa o ato de migrar a uma necessidade econômica, considerando o desemprego como o único elemento impulsionador do fenômeno migratório.

ALUNO 03 – QUESTÃO 3

3- Esse fenômeno é comum em nosso país?
Sim. As pessoas migram para procurar trabalho

Após assistir a exibição do filme, este mesmo aluno pontua as mudanças nos fluxos migratórios, destacando uma mudança no fenômeno estudado que antes não havia sido percebida. Embora o filme exibido aborde a emigração da região Nordeste do país, o aluno conseguiu interpretar essa característica do enredo como um contraponto das mudanças nos fluxos migratórios.

ALUNO 03 – QUESTÃO 3 – COM O FILME

3- Esse fenômeno é comum em nosso país?
Sim. A migração é bastante comum, mas ocorrem muitas mudanças em relação ao destino dos migrantes

Na questão 5 o aluno destaca como característica do fenômeno migratório apenas os movimentos de entrada e saída, o que demonstra a limitação de seu entendimento acerca do conteúdo.

ALUNO 5 – QUESTÃO 4

4- Qual a principal característica do movimento migratório?
podem ser de entrada e saída de pessoas

Percebe-se que, após a exibição do filme o aluno consegue compreender o fenômeno estudado com mais propriedade. O fato dos personagens do filme atravessarem outros estados brasileiros e neles desenvolverem diversas atividades econômicas para custear a viagem fez com

que o aluno identificasse que o movimento populacional interfere na produção do espaço geográfico, no caso do filme, considerou-se o aspecto social deste espaço.

ALUNO 6 – QUESTÃO 4 – COM O FILME

4- Qual a principal característica do movimento migratório?
 É um movimento populacional que pode ocorrer por diversos motivos. É o deslocamento de pessoas interfere na formação do espaço geográfico.

Essa análise demonstra que o método tradicional não colabora para que o aluno se aprofunde no conteúdo estudado, resultando em uma aprendizagem superficial. Em contrapartida, após a adoção de uma metodologia mais dinâmica, neste caso o filme, o aluno passa a dialogar com o conteúdo, adotando outros enfoques que resultam numa aprendizagem complexa e integralizadora.

Quando indagado acerca dos elementos que influenciam o movimento migratório, em primeira análise, o aluno elencou apenas questões de caráter econômico e climático.

ALUNO 06 – QUESTÃO 5

5. Quais os elementos que influenciam na dinâmica dos processos migratórios?
 Desemprego e Falta de chuva.

A abordagem desse fenômeno através da utilização do filme fez com que o aluno agregasse outras visões sobre o movimento migratório, embora o filme apresente a história de uma família que realiza o movimento

migratório tendo elemento de repulsão problemáticas de caráter econômico. Após a exibição do filme o aluno passa a compreender que existem outros elementos de repulsão que também influenciam neste fenômeno, como fatores naturais e políticos.

ALUNO 06 – QUESTÃO 5 – COM O FILME

5- Quais os elementos que influenciam na dinâmica dos processos migratórios? Esses processos ocorrem por causas econômicas, políticas, problemas com o clima, terremotos e vulcões.

Nas respostas dadas por este outro aluno é possível identificar a mesma mudança na abordagem nos dois momentos distintos, uma vez que o aluno também passa a considerar outros elementos de influência em relação ao movimento migratório.

ALUNO 04 – QUESTÃO 5

5- Quais os elementos que influenciam na dinâmica dos processos migratórios? falta de dinheiro, falta de emprego

ALUNO 04 – QUESTÃO 5 COM O FILME

5- Quais elementos que influenciam na dinâmica dos processos migratórios? os processos migratórios são influenciados por questões econômicas, políticas, fenômenos da natureza e fatores climáticos

O filme exibido retrata um processo migratório bastante comum no Brasil, mas que atualmente vem sofrendo modificações, pois percebe-se que os fluxos migratórios não se concentram mais da região Nordeste para a região Sudeste, a partir disso a discussão com os alunos abordou a mudança dos fluxos migratórios e as novas características deste fenômeno desencadeadas pelo atual processo de globalização. A diferença entre as respostas evidenciam a forma como o recurso de aprendizagem promoveu a apreensão de diferentes conhecimentos.

ALUNO 06 – QUESTÃO 6

6 - Como as questões econômicas podem justificar processo de imigração?
 - As pessoas vão de um lugar para outro em busca de Trabalho

ALUNO 06 – QUESTÃO 6 – COM O FILME

6 - Como as questões econômicas podem justificar o processo de imigração?
 No mundo globalizado é necessário melhorar a mão de obra, por isso, Trabalhadores qualificados migram em busca de melhores condições de Trabalho. Em contra partida as pessoas que não têm mão de obra qualificada também migram em busca de emprego

Dando sequência à análise dos resultados, pode-se identificar que, a partir do método tradicional a questão conceitual é definida pelo aluno com pouca profundidade. O que limita a conexão desses conceitos com outros elementos, como pode ser verificado a seguir.

ALUNO 04 – QUESTÃO 7

7- Qual a diferença entre processo emigratório e imigratório
 emigração: saída
 imigração: entrada

Outros alunos também apresentaram uma definição limitada acerca dos conceitos abordados:

ALUNO 05 – QUESTÃO 7

7 Qual a diferença entre processo emigratório e imigratório?
 É quando as pessoas saem do lugar que elas moram.

ALUNO 02 – QUESTÃO 7

7- Qual a diferença entre processo de imigração e emigração?
 - Emigração: saída
 - Imigração: entrada

O filme serviu aqui para que os alunos considerassem que a primeira definição dada aos conceitos apresentados no exercício não consideravam aspectos de complementação do processo, ou seja, serviu como base para otimizar as respostas. É importante considerar que no primeiro momento não se pode afirmar que os alunos deram uma resposta equivocada, mas é preciso reconhecer que após a exibição do filme o ato de emigrar/imigrar é uma ação realizada por um indivíduo e que isso reflete na atuação deste indivíduo sobre o espaço geográfico.

ALUNO 04 – QUESTÃO 7 – COM O FILME

7- Qual a diferença entre processo emigratório e imigratório?

Emigratório: é o movimento de saída, feito pelo emigrante que sai de um lugar empurrado por um elemento de repulsão.

Imigrante: é o movimento de entrada, feito pelo imigrante que chega em um lugar atraído pelo elemento de atração.

ALUNO 05 – QUESTÃO 7 – COM O FILME

7 Qual a diferença entre processo emigratório e imigratório?

Emigratório \Rightarrow é o movimento de saída de indivíduos de um lugar para outro.

Imigração \Rightarrow é o movimento de entrada de indivíduos de um lugar p/ outro.

ALUNO 02 - QUESTÃO 7 - COM O FILME

7- Qual a diferença entre processo de emigração e imigração?

- Emigração: é o movimento de saída de um lugar, ou seja, aquele que sai é emigrante.
- Imigração: é o movimento de entrada (chegada), em um lugar, aquele que chega é imigrante.

Observa-se que, as respostas são parecidas, porém cada um dos alunos apontou um elemento complementar que enriqueceu a resolução do exercício. Para encerrar o exercício foi solicitado a discussão sobre polos repulsivos e atrativos no Brasil. Verificou-se que, antes da exibição do filme o aluno não considerava que esses polos pudessem vir a sofrer mudanças de fluxo migratório, havendo assim a ausência de um recorte temporal.

ALUNO 04 – QUESTÃO 8

8 - No Brasil, qual região é tida como um polo de emigração e qual região é apontada como destino para imigrações?
 a emigração ocorre com a saída da população da região nordeste.
 a imigração ocorre porque essas pessoas vão trabalhar na região sudeste

No segundo exercício o aluno já consegue compreender a mudança de fluxos migratórios, elencando outros polos que surgiram mais recentemente, embora o filme tenha abordado apenas o fluxo Nordeste/Sudeste, o que é compreensível, haja vista que há uma origem histórica de processos migratórios observados entre essas regiões. Essa visão foi discutida com os alunos com o objetivo de levá-los a identificar que as mudanças nos fluxos migratórios ocorrem de forma contínua, embora nem sempre sejam identificadas de forma conveniente. Neste exercício é possível perceber que o aluno insere a região Centro Oeste nos novos destinos de migração, tal constatação se deve ao fato de ser visível a imigração de sulistas e nordestinos para a cidade de Posse, fato que foi convenientemente identificado.

ALUNO 04 – QUESTÃO 8 – COM O FILME

8 - No Brasil, qual região é tida como polo de emigração e qual região é apontada como destino para imigrações?
 a região sudeste já foi um importante polo de imigração, principalmente de pessoas que vinham do nordeste. Atualmente vem ocorrendo o contrário, as pessoas estão voltando para o nordeste. Também a região centro-oeste tem recebido pessoas que vêm da região sul.

Por meio da análise dos resultados alcançados pode-se compreender que há de fato uma resposta diferenciada por parte do aluno quando são adotadas diferentes metodologias no ensino de Geografia. O uso do filme de forma específica promove um maior envolvimento do aluno com seu objeto de estudo. Percebe-se ainda que, o filme despertou outras visões sobre o tema abordado na aula, confirmando o seu papel de elemento provocador do conhecimento e de percepções diferenciadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A configuração sócio-espacial da sociedade contemporânea se define entre outros fatores, pela ampla utilização de recursos tecnológicos. Diante dessa realidade afirma-se que, a educação apresenta uma necessidade cada vez maior de acompanhar as mudanças vivenciadas pela sociedade. Enfatiza-se essa ideia a medida que surge a necessidade de evolução do ensino de geografia a partir de novas abordagens metodológicas, da adoção de métodos diferenciados, capazes de produzir um conhecimento geográfico dialético.

Nesse sentido, é cada vez mais necessário adotar recursos metodológicos capazes de provocar no aluno a capacidade de dialogar com o conteúdo. Entre esses recursos, o filme surge como uma possibilidade viável, tanto do ponto de vista de sua aplicabilidade quanto em relação à sua aceitação.

A linguagem explorada por esse instrumento demanda uma ampla diversidade de conhecimentos que podem ser explorados por meio de ações pedagógicas bem determinadas e planejadas. O simples ato de exhibir um filme não é capaz de gerar conhecimento significativo, é necessário que o professor possa se posicionar como mediador deste processo, levando o aluno a explorar convenientemente todas as informações, relacionando-as ao conteúdo. Outro ponto importante e que deve ser considerado é que, o professor não pode limitar essa aprendizagem, é necessário fazer com que os alunos construam suas próprias percepções, e possam ainda, caso sintam necessidade, buscar outras fontes de informações.

A práxis pedagógica desenvolvida por meio do uso do filme em sala de aula tem como princípio provocar o olhar do sujeito ao exercitar seus sentidos por meio da observação da imagem em movimento. É preciso ainda fazer com que os alunos se percebam e se encontrem no contexto dos acontecimentos.

Ao analisar um filme sobre a ótica da Geografia deve-se ter o cuidado em construir percepções críticas, posicionando frente às situações abordadas. O professor precisa fazer com que o aluno entenda aquilo que está sendo representado pelo filme e sua relação com a realidade social, construída de forma ideológica por alguém que se apropria de uma visão específica sobre o

elemento ali apresentado. É papel do professor também lidar com essas ideologias e garantir que o aluno as compreenda, mesmo que elas estejam implícitas na linguagem cinematográfica, isso fará com o aluno adquira capacidade intelectual de construir sua própria leitura de mundo.

Os alunos puderam perceber a partir da exibição do filme que os aspectos que resultam no fenômeno migratório decorrem de aspectos bastante complexos, tanto do ponto de vista econômico quanto sociocultural. Tal percepção teve como elemento primordial o recurso metodológico adotado, haja vista que esse fenômeno, embora facilmente observado no espaço imediato nunca houvesse sido merecedor de maiores discussões.

Por meio de todas essas percepções não se pretende neste trabalho esgotar as propostas acerca de inovação metodológica, nem ao menos limitar as sugestões sobre a utilização de filmes em sala de aula. Este trabalho tem como objetivo maior servir de referencial para auxiliar o professor de Geografia, e acima de tudo colaborar como elemento de provocação para outras pesquisas e discussões sobre o tema.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Milton J. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Suely Amorim. **Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula**. Revista Espaço Acadêmico n. 79. Dez. 2007. Disponível em: <http://espacoacademico.com.br/079/araujohtm>. Acesso em 03/01/2001.

BARROSO, Maurício. **Conhecimento Prático Geografia**. N. 46. São Paulo: Escala, Novembro, 2012.

BRABANT, Jean-Michel. **Para onde vai o ensino da Geografia**. Ariovaldo Umbelino (org.) 9 ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 3 ed. Brasília, 1998.

-----, Ministério da Educação Média e Tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. MEC: Brasília, 1999.

BITTONI, Marisia Margarida Santiago. **Explorando o Ensino – Geografia: Ensino Fundamental/Coord. Marisia Margarida Santiago Bittoni**: MEC, 2010.

CALLAI, H. C. **O ensino de geografia: recortes espaciais para análise**. In: Catrogiovanni, A. C. *et al* (orgs) **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros: Porto Alegre, 1998.

CAMPOS, Rui Ribeiro. **Cinema, geografia e sala de aula**. Estudos Geográficos: Rio Claro, junho – 2006

CASSAB, Clarice. **Reflexões sobre o ensino de Geografia**. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistageografia/index.php/revistageografia/article/viewFile/50/43>. Acesso em: 08/07/2012.

CASTELLAR, Sonia Maria Vqanzella. **O ensino de Geografia e a formação docente**. In: PESSOA, Ana Maria Carvalho (org.) *Formação de Professores: articulando os conteúdos específicos*. São Paulo: Pioneira, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____, **Geografia, escola e construção de conceitos**. ed. 14. São Paulo: Papirus, 2010.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**. Os desafios da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ECO, Umberto . **Da internet a Gutemberg**, 1997. Disponível em: <http://www.italynet.com/columbia/internet.htm>>Acesso em 02/05/2011

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. ed. 2. São Paulo: EDUSP, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Junior**: dicionário escolar da Língua Portuguesa. ed. 2. Curitiba: Positivo, 2011.

GADOTTI, Moacy. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **Mestres de Rousseau**. São Paulo: Cortez, 2004.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia** : proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.

GONÇALVES, Alfredo José. **Migrações Internas**: evoluções e desafios. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a14.pdf>. Acesso em: 01/08/2012.

LEÃO, V. P; LEÃO, IC. **Ensino de Geografia e Midia**: Linguagens e práticas. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

LISBOA, Severina Sarah. **Os fatores determinantes dos novos movimentos migratórios**.

Disponível em:

<http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume05/fatoresDeterminantes.pdf>.

Acesso: 06/07/2012.

MACHADO, João Luís Almeida. **O cinema na sala de aula**. Estratégias de trabalho com filmes em sala de aula. Disponível em:

<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp.artigo=85>. Acesso em: 18/07/2012.

MAGNOLI, Demetrio. **Geografia para o ensino médio**: Brasil, Estado Espaço Geográfico, volume 2. Ed. 1. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARTINI, Alice de; SORES, Rogata Del Gaudio. **Geografia**, 1º ano: Ensino Médio. São Paulo: IBEP, 2010.

MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio de. **Geografia**: volume único. São Paulo : Scipione, 2005.

MATOS, Ralfo. (org) **Espacialidades em Rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora com Arte, 2005.

MORAN, José Manuel. **O vídeo em sala de aula**. Comunicação e educação. ECA. São Paulo: Moderna, 1995.

MOREIRA, João Carlos. **Geografia**: volume único. João Carlos Moreira, Eustáquio de Sene. São Paulo: Scipione, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

O CAMINHO das nuvens. Entidade Produtora Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas. Direção: Vicente Amorim. Produção: Lucy Barreto, Luiz Carlos Barreto. Brasil. Duração: 85 min. Ano: 2003

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia/** Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Lyda Paganelli, Núlia Hanglei Cacete. ed. 3. São Paulo: Cortez, 2009.

ROSS, Jurandir L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. ed. 4. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**. Entrevista com Milton Santos. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramos, 2009.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Rosselvelt; COSTA, Cláudia Lúcia; KINN, Marli Graniel. **Explorando o Ensino – Geografia**: Ensino Fundamental/Coord. Marísia Margarida Santiago Buitoni: MEC, 2010.

APÊNDICE I

Exercícios dos alunos:

- 1 – Qual o conceito de migração?
- 2 – Como elas ocorrem?
- 3 – Esse fenômeno é comum em nosso país?
- 4 – Qual a principal característica do movimento migratório?
- 5 – Quais elementos que influenciam na dinâmica dos processos migratórios?
- 6 – Como as questões econômicas podem justificar processos de migração?
- 7 – Qual a diferença entre processo emigratório e imigratório?
- 8 – No Brasil, qual região é tida como polo de emigração e qual região é apontada como destino para imigrações?